

A química industrial no Brasil colônia vista através da obra do botânico mineiro frei José Mariano da Conceição Veloso.

Cassiana Hygino (IC), Juliana S. Jardim (IC), Marília P. Linhares (PQ), Fernando J. Luna (PQ)*
fernando@uenf.br

Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Av. Alberto Lamego, 2000, Campos dos Goytacazes-RJ, 28013-600.

Palavras Chave: *história, vidro, salitre*

Introdução

A fabricação de vidro e de sabão, dois produtos de indiscutível importância econômica, dependeu sempre da potassa, ou carbonato de potássio, insumo obtido até meados do século XIX a partir da combustão de determinadas plantas segundo técnicas bastante específicas. Neste trabalho examinamos uma publicação sobre a produção de potassa editada em Lisboa em 1798 (Figura 1) do Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), botânico nascido em Minas Gerais, que foi um dos principais personagens da ciência e tecnologia do império português entre o final do século XVIII e início do século XIX.

Resultados e Discussão

A contribuição de Veloso para a indústria da América portuguesa consistiu na divulgação de publicações sobre técnicas industriais, com destaque para as atividades que poderiam ser desenvolvidas no Brasil, como a mineração, instalação de fábricas, além da agricultura e a criação de animais. No trabalho analisado, denominado *Alographia dos alkalis vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos*, Veloso reúne publicações e artigos dos centros mais avançados da época e os traduz para o português, por encomenda do príncipe regente, incluindo vastas informações sobre o conhecimento necessário para a fabricação de potassa, soda (carbonato de sódio) e salitre (nitrato de potássio). A intenção de Veloso era disponibilizar um manual completo, suficiente para explicar aos leitores brasileiros as operações básicas para o aprimoramento de suas atividades na incipiente produção industrial no Brasil colonial de acordo com as técnicas conhecidas na Europa. Na obra se encontram figuras detalhando planos para a construção de fábricas de potassa, que uma vez em funcionamento, iriam beneficiar diretamente as nossas "Saboarias, vidrarias, tinturarias, branquearias, a agricultura, a química, a farmácia, etc." Além do detalhamento das técnicas segundo autores de diversos países da Europa, encontra-se também uma seção chamada "flora alográfica" com estampas das plantas brasileiras que podiam servir para a produção de potassa por combustão.



Figura 1. Página de rosto da *Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa...*; Lisboa: Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1798.

Conclusões

A leitura cuidadosa desta obra de Veloso fornece argumentos para verificar a existência de prática científica relevante no séc. XVIII e pode ser classificada como *ciência colonial*, no modelo de Basalla[1]. A qualidade das traduções e o diálogo que Veloso estabelece por meio de notas de página atestam a autoridade do autor em áreas como a botânica, a química e a química industrial.

1. Basalla, G. *Science* 154: 1967. 611-22.